



2006

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[09.04.2006](#) – Dia Nacional do Combatente

[11.04.2006](#) – Assinatura do Protocolo de receção do Forte de Santa Catarina

[28.04.2006](#) – Tomada de Posse da Direção Central da Liga dos Combatentes

[23.09.2006](#) – Abertura do Seminário Revisitar Goa, Damão e Diu – FBS

[14.10.2006](#) – 83.º Aniversário da Liga dos Combatentes

[11.11.2006](#) – Marechal Spínola no Túmulo da Cripta dos Marechais

[15.11.2006](#) – Encerramento do Seminário «Revisitar Goa, Damão e Diu» – IESM

[15.12.2006](#) – Mensagem de Natal

DIA NACIONAL DO COMBATENTE

9 de abril de 2006

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar, em representação de Sua Ex.^ª o Ministro da Defesa Nacional: em nome dos combatentes por Portugal agradecemos a presença de V.^ª Ex.^ª, testemunho do valor e importância que o poder político, primeiro responsável pela nossa própria condição de Combatentes, deu e continua a dar ao que somos e ao que sentimos.

Senhor Doutor António Lobo Antunes, português ilustre e superior homem de letras, nosso convidado para fazer a oração ao túmulo do soldado conhecido. É V. Ex.^ª um Combatente conhecedor da nossa linguagem. Permita que lhe testemunhe uma profunda gratidão por podermos hoje tê-lo em nossa companhia e pela disponibilidade imediata que demonstrou perante o nosso convite.

Caros Combatentes

Hoje é dia de História. Hoje é dia de Memória Coletiva. Memória Coletiva que mais uma vez nos revela que a:

*A História se faz dia a dia repartida
Pelo tudo e pelo nada que se liga:
Deportados, mercadores ou senhores de império
Fé, temperos, especiarias ou minérios.*

Ao reunirmo-nos hoje, neste local, pela 88.a vez evocando os que se bateram na Grande Guerra, nomeadamente na Batalha de La Lys, fazemo-lo, como sempre, de forma abrangente, evocando aqueles que em qualquer momento da nossa História o fizeram e o fazem hoje, por Portugal. "Com esse sentido da História repartida / Pelo tudo e nada que se liga / Pelas memórias do esquecimento, escritas na pedra, pergaminho ou pensamento / A que o homem e o tempo vão dando nascimento". Faz hoje precisamente 88 anos que, por esta hora, dezenas de milhares de portugueses, depois de se terem batido durante longos meses por terras da Flandres, respiravam os ares que a esperança e imaginação se encarregam de produzir, quando no horizonte se desenha o regresso, se vive já o sentimento do dever cumprido que acompanha a rendição, o imaginado esbater de uma saudade profunda de familiares e amigos. O sair de um pesadelo e o acordar tranquilo depois de passar incrédulo a tempestade.

Quis o destino e o inimigo que escolheu o sector português para exercer o esforço da sua ofensiva, que os ares dessa esperança e imaginação se não transformassem, para grande parte deles, num acordar tranquilo e esbatimento de saudade, mas em perda de liberdade e de saúde ou luto definitivo, profundo e duradouro que abanou toda a nação portuguesa e ainda hoje se evoca. Faz amanhã 88 anos que esses milhares de homens das forças armadas portuguesas sob comando inglês perdiam a esperança e lhes parava a vida. Sofrendo a rotura da frente defensiva em que estavam integrados, absorveram as consequências do desproporcionando potencial relativo de combate, humano, de fogo e de choque que um atacante dispõe, quando se decide passar à ofensiva. Com o absorver dramático dessa ofensiva, que resultou numa aparente derrota na batalha, em 9 de abril, os portugueses contribuíram para a vitória na guerra que sete meses depois

conduziu à assinatura do Armistício, a 11 de novembro do mesmo ano. É essa amálgama de derrotas e de vitórias que caracterizam a vida dos povos e do homem em sociedade, em qualquer circunstância, que hoje, tomando por base aquele facto histórico, mais uma vez evocamos com um sentido permanente de confiança no futuro. Por isso é importante recordar, frente aos soldados de hoje, neste lugar, onde se elevam monumentos a grandes vitórias e se imortalizam os que sofreram a maior derrota da sua vida - e ainda hoje não sabemos quem são e onde se encontram algumas passagens dessa Memória Coletiva, de vitórias e de derrotas, pois elas são fator de ensinamento e de coragem para se enfrentarem bons e maus momentos.

Fez ontem precisamente 500 anos, que nascia aquele que viria a ser apóstolo das Índias: São Francisco Xavier. Nesse mesmo ano do seu nascimento, 1506, Afonso de Albuquerque e Tristão da Cunha partiam para a Índia. Momento grande para Portugal. Cem anos depois, 1606, por aquelas paragens, se instalava a Companhia Holandesa das Índias, tendo Portugal perdido a independência. Momento menos bom. Mas cem anos depois, 1706 veríamos a situação invertida, assinalando nesse ano uma grande ofensiva de um exército comandado pelo Marquês das Minas chegar às portas de Madrid.

Mais um momento da História de um todo luso ibérico, que se fez dia a dia por terra e por mares e é obra de um povo, diplomatas e militares.

Mais um século, 1806, e a situação político militar voltaria a estar ameaçada agora com a declaração do Bloqueio Continental por parte de Napoleão. Seguir-se-iam as Invasões Francesas. Momentos de grande crise de que saímos mais uma vez vitoriosos como povo.

E a História revela-nos que, cem anos depois, 1906, as preocupações tinham agora uma origem mais britânica e internamente apontávamos para o abandono da rotatividade partidária, dando início a um governo ditatorial, que viria dar origem à queda da Monarquia e instauração da República, a qual quatro anos depois assistiria ao começo da Grande Guerra. Momento conturbado e difícil para os portugueses de que souberam sair mais uma vez vitoriosos.

Hoje, cem anos depois, 2006 vivemos em democracia, pertencemos à União Europeia e à NATO, não estamos em guerra e vivemos mais um ciclo preocupante da nossa história e da história mundial cujas causas próximas e remotas são conhecidas. O nosso pensamento e consequentemente ação só podem ter um sentido. O sentido da convergência e união de esforços no cumprimento de objetivos vitais. Iremos sair vitoriosos como sempre tem acontecido e a nossa história de séculos ilustra. Aos que acreditam e nesse sentido trabalham, que o futuro lhes faculte sempre os destinos deste povo.

"Por outro lado, quando escrita pelo sangue e pelo fado A história recorda destino marcado, a um país que foi e será obra de soldado".

Hoje é dia desse soldado, de hoje, de ontem e de sempre, do Afeganistão a Nambuangongo, de La Lys a Ourique, de S. Mamede ao 25 de abril. Fiéis a estas oliveiras plantadas no exterior deste monumento, em memória desses soldados desconhecidos, com o intuito de fornecerem o azeite votivo que iluminasse as suas campas, aqui estamos mais uma vez, como estiveram nossos antecessores. Em mais uma romagem. Infelizmente, muitos de nós tivemos a nossa própria experiência de guerra. Sabemos do que falamos quando evocamos a História dos conflitos. Reconhecemos os sacrifícios dos nossos antepassados, porque vivemos sacrifícios semelhantes.

É por isso natural que exijamos mesmo, alguma atenção especial sobre nós próprios e os nossos problemas. Por isso, não temos medo de, por vezes, pararmos o tempo e sem medo de nele cairmos, olharmos mesmo para dentro desse tempo, com sentimento crítico, conhecedor e exigente para com o homem e as circunstâncias, mas indiferentes a algumas correntes da história que sabemos, por tendenciosas, não serão um dia as correntes predominantes da nossa História. Com esse espírito, ao mesmo tempo crítico e de profundo respeito e admiração pelo que fomos e fizemos, o que somos e fazemos, que hoje mais uma vez, procuramos que se não esqueçam os nossos mortos e se continue lutando pela dignidade dos vivos. Hoje é Dia do Combatente.

Que os Combatentes vivos sintam razões de orgulho por estarem vivos, pelo que fizeram e por sentirem que os seus concidadãos ao reconhecê-los como combatentes se curvam pelos serviços prestados ao seu país. Esse reconhecimento não está nas mãos dos combatentes produzi-lo, mas estando, como sabemos, no coração dos portugueses é importante que os responsáveis criem condições para que ele por vezes se revele publicamente. Pertencemos a uma geração de Vitória que viveu a segunda guerra mundial, se bateu pelas armas na Ásia e em África, se envolveu com a NATO na chamada guerra fria e deu, lutando, a democracia a Portugal. A esta geração custa aceitar qualquer derrota e encontra no "relâmpago de fogo" que brota da fala dos seus mortos, a força para a ação e para o acreditar. Acreditar sempre. Por isso nos apetece por vezes gritar:

"Ó memória / Retira da Sombra / A Glória / Dos que caíram! / Ilumina a penumbra / Da História / Dos que partiram! / A Geração de Vitória / Venceu! / Nunca esquecerá os que perdeu!"

Vale por isso a pena, por vezes, "olharmos para dentro do tempo", para procurarmos encontrar a força e o saber necessários à defesa e manutenção da nossa identidade e a garantia da solução dos nossos problemas. O País contou, conta e continuará a contar connosco, Combatentes por Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

ASSINATURA DO PROTOCOLO PARA RECEÇÃO DO FORTE DE SANTA CATARINA ANGRA DO HEROÍSMO

11 de abril de 2006

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores

Diretor Regional da Cultura (Dr. Vasco Pereira da Costa) em representação do Presidente do Governo Regional dos Açores

Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Dr. Francisco Maduro Pires

Representante do Presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória

Vereador da Cultura da Câmara Municipal da Praia da Vitória

Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

Diretor do Museu de Angra do Heroísmo

Presidentes das Juntas de Freguesia da Vila das Lajes, Freguesia de Santa Cruz e Freguesia do Cabo da Praia

Comandante da Base Aérea N.º 4

Representante do Comandante da Zona Aérea dos Açores e do Comando Operacional dos Açores (Cor Costa Coelho)

Representante do Comandante do RG1

Saúdo em V. Ex.ªs a cooperação e entendimento existente entre os órgãos de soberania regional, as entidades militares e a Liga dos Combatentes

Minhas Senhoras e meus senhores, combatentes

Hoje nesta ilha Terceira dos Açores, na cidade de Angra, também do Heroísmo, tendo a poucos passos a cidade da Praia também da Vitória, as entidades responsáveis dos Açores colocam á disposição dos Combatentes por Portugal, um Forte.

Forte, símbolo de Heroísmos e de Vitórias das gentes dos Açores, dos Combatentes dos Açores. Hoje à sua disposição, não para nele se entrincheirarem, mas para nele preservarem a memória dos combatentes do passado e do presente que nesta terra serviram e servem Portugal. A conservação das memórias é excelência dos antigos combatentes porque sabendo bem que elas se situam no coração da identidade nacional, se preocupam com a sua defesa e com a sua partilha, especialmente com as novas gerações.

O Protocolo que hoje assinamos e que se integra perfeitamente dentro dos objectivos estatutários da Liga dos Combatentes, um dos quais nos responsabiliza pela criação de estabelecimentos ou departamentos de ensino e cultura em proveito geral do país, levam-nos a fazer mais algumas considerações. Esta atitude de parceria que o Governo Regional dos Açores estabelece com a Liga dos Combatentes contribui significativamente:

- Em primeiro lugar para o reconhecimento que é devido aos combatentes que muitas vezes acumulam sequelas físicas e psicológicas dos conflitos e para a sua inserção, no período pós conflito, na sociedade a que pertencem;
- Reconhecimento e inserção que constituem formas do dever de memória;

- Depois para fazer viver as marcas do passado, como é vosso e nosso desejo com o Forte de Santa Catarina, do cabo da Praia, preservando e dando a conhecer lugares de memória;
- Em terceiro lugar, testemunhando para o futuro àqueles que não viveram os acontecimentos, a memória dos conflitos, com independência e distância das ideologias das épocas. Partilhar as Memórias é contribuir para aprofundar a Paz.

É por isso para nós um privilégio, poder testemunhar e partilhar este ato, com a responsabilidade e compromisso próprios de uma instituição quase secular.

Será responsabilidade primária do Núcleo da Liga dos Combatentes, hoje denominado de Angra do Heroísmo/Praia da Vitória por proposta da atual direção, que os objetivos constantes deste protocolo terão que ser atingidos. Cultura, Cidadania e Defesa alimentados por um são convívio e solidariedade entre cidadãos e membros da Liga dos Combatentes, será o sangue novo que deverá alimentar a dureza da História que o Forte de Sta. Catarina simboliza.

Ele juntar-se á a outros símbolos capazes de proporcionarem o desenvolvimento de uma Política local de Turismo das Memórias. Por isso agradecemos sensibilizados ao Exmo. Senhor Diretor Regional da Cultura Dr. Vasco Pereira da Costa a sua compreensão, sensibilidade, sentido patriótico e total apoio à ideia que nos trouxe até aqui.

Peço transmita a sua Exa. o Presidente do Governo Regional dos Açores o testemunho de apreço e de gratidão da Liga dos Combatentes e do seu Presidente. Espero ver em breve o Forte de Sta. Catarina como mais um núcleo museológico vivo, ativo e aberto à ativação e conservação das tradições e das memórias dos cidadãos e combatentes dos Açores.

Na Direção do Núcleo e na pessoa do seu Presidente Senhor Genuíno Madruga Gomes, a quem aproveito para publicamente enaltecer a sua dedicação, determinação, entusiasmo e bom senso, na defesa dos interesses e prossecução dos deveres dos combatentes desta ilha, recaem novas responsabilidades.

Com o contínuo apoio de todos V. Exas., com o apoio da Direção Central e do seu Centro de Estudos de Cultura Cidadania e Defesa, com a nossa determinação e sentido do dever, saberemos ser dignos dos que nos antecederam e exemplo para a juventude que nos observa e nos julgará.

As Bandeiras Nacional, dos Açores e da Liga dos Combatentes flutuam no Forte de Santa Catarina do Cabo da Praia na Ilha Terceira. A História está mais viva.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

TOMADA DE POSSE DA DIREÇÃO CENTRAL DA LIGA DOS COMBATENTES

28 de abril de 2006

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Comissão Parlamentar da Defesa Nacional
Senhor General Presidente da Assembleia Geral da Liga dos Combatentes
Senhores Almirantes e Generais
Ilustres Membros Honorários
Ilustres Membros do Conselho Supremo
Senhor Presidente do Conselho Fiscal
Membros da Direção Central
Presidentes das Associações de Combatentes aqui presentes
Presidentes dos Núcleos da Liga de Combatentes

Minhas senhoras e Meus senhores
Ilustres Convidados

As minhas primeiras palavras são de profundo agradecimento pela vossa presença dando a esta tomada de posse um relevo que nos desvanece e nos ultrapassa.

Há precisamente três anos que iniciámos este novo desafio da nossa vida, no final de uma carreira que nos exigiu sacrifícios, mas que valeu a pena ser vivida.

Conscientemente, sem nada buscar, nem mais prestígio nem mais recompensas materiais, aceitámos assumir a presidência de uma Instituição secular, patriótica e humanitária, num desafio ao cumprimento voluntário de um dever que se situa muito para além do próprio dever e ronda sacrifício pessoal e familiar.

Tem, porém, como retorno o sentimento reconfortante da continuação do exercício da defesa de valores individuais e coletivos em que sempre acreditámos. Nisso fomos acompanhados, por camaradas militares e civis na Direção Central e nos 66 núcleos espalhados pelo país. Foi o seu apoio e o seu exemplo que nos ajudou a chegar até aqui.

Os objetivos estatutários da Liga e a ação desenvolvida tendo em vista a sua prossecução na defesa dos valores superiores do país e na defesa da memória e dignidade dos Combatentes por Portugal, foram igualmente o verdadeiro sustentáculo da razão da nossa força, do nosso querer e das nossas certezas. Estabelecemos um Plano de Ação e procurámos com determinação cumpri-lo, com exigência e julgamos alguma inovação. Definimos e lançámos também Planos Estruturantes que gostaríamos de levar tão longe quanto possível por forma a torná-los realidade, nos campos da Solidariedade e Apoio Mútuo, (Programa Liga Solidária), da Conservação das Memórias (Programa Cemitérios e Talhões), da Cultura Cidadania e Defesa dos Valores Nacionais, em especial junto da Juventude (Programa Cultura Cidadania e Defesa) e do Programa Inovação e Modernização da Liga dos Combatentes.

Ao propormo-nos aprofundar esses planos numa ótica de continuada Imagem Renovada da nossa Instituição e sentirmos que essas nossas intenções tinham da parte dos órgãos sociais e Núcleos da Liga dos Combatentes, o reconhecimento do trabalho desenvolvido e o apoio da orientação

proseguida, levou-nos a acreditar ser possível e esperamos que ainda útil, mantermo-nos mais algum tempo à frente dos seus destinos. Por isso, aqui estamos hoje tranquilamente, propondo – nos continuar a ser dignos do trabalho dos nossos antecessores:

Continuando a fazê-lo:

- Através de um continuado esforço de relançamento da Imagem Renovada da Liga dos Combatentes;
- Através de uma cooperação permanente com os órgãos de soberania e da administração pública na prossecução dos nossos objetivos;
- Nomeadamente a exaltação dos deveres e a defesa dos direitos dos membros da nossa Instituição e dos Combatentes em geral;
- Através da promoção de uma organização mais dinâmica, com base na exaltação da História e dos valores e que seja uma verdadeira interlocutora entre um passado recente - os combatentes da guerra do ultramar e um presente que será o futuro da nossa razão de ser - os combatentes das Missões de Paz;
- Através de um esforço de bom entendimento com as autoridades civis e a comunicação social para defesa das nossas causas e resolução dos nossos problemas;
- Através de um esforço para encontrar formas inovadoras de obter ou criar novos recursos que permitam alargar a ação da Liga na prossecução do seu histórico e verdadeiro Plano de Inclusão Social dos Combatentes.

Meus Senhores

É para mim uma honra continuar a usufruir da vossa confiança na Presidência de uma Instituição a que nos dedicámos e aprendemos a conhecer profundamente nos últimos três anos, num encontro permanente entre a História e o Homem real.

Uma palavra de profundo agradecimento aos que estiveram connosco no mandato anterior: dirigentes, membros e funcionários.

Igualmente para aqueles que com o mesmo sentimento decidiram aceitar o meu desafio para continuarmos e aos que se nos juntam.

Renovo os meus agradecimentos pela vossa presença e permitam-me que termine com o nosso lema.

*Liga dos Combatentes?
Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes?
Em todas as frentes!*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

ABERTURA DO CICLO DE CONFERÊNCIAS “REVISITAR GOA, DAMÃO E DIU”, FORTE DO BOM SUCESSO-MUSEU DO COMBATENTE

23 de setembro de 2006

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor General António Ramalho Eanes permita-me que agradeça a V. Ex.^a a disponibilidade evidenciada para presidir à abertura deste ciclo de conferências subordinadas ao tema “Revisitar Goa, Damão e Diu” que a Liga dos Combatentes assumiu a responsabilidade levar a efeito. Para além da honra que sentimos em ter connosco alguém que é hoje uma grande referência nacional, sentimos igualmente a presença do camarada e do militar cujo dever o levou um dia a prestar serviço na então chamada Índia Portuguesa. No que me diz respeito tenho o prazer de ter connosco o camarada e amigo de escola e de curso e sua Exma. Esposa Dra. Manuela a quem também agradeço a presença.

Exma. Senhora Embaixadora da Índia em Portugal, senhora Vijaya Latha Reddy. Aceite V. Ex.^a o nosso profundo e sentido agradecimento por se ter dignado estar presente na abertura destas conferências. Rege hoje os nossos países, um sentido superior da História e das Relações Internacionais o que felizmente conduz a que este momento seja para a Liga dos Combatentes um momento único e altamente significativo na sua já longa vivência.

Exmo. Senhor Almirante Vieira Matias, ilustre membro do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, agradeço a V. Ex.^a ter-se dignado aceitar moderar o período de exposições e de debate que vai constituir o objeto deste nosso encontro.

Exmos. Senhores, Dignos Representantes das Instituições Convidadas aqui presentes

Senhores Generais e Almirantes

Exmos. Membros da Assembleia-geral, Conselho Supremo e Direção Central da LC

Exmos. Convidados

Minhas Senhoras e meus senhores

O Ciclo de Conferências a que hoje damos início integra-se num conjunto de ações tendo como objeto à História Viva do terceiro quartel do século XX, em que estão envolvidas algumas instituições e cujo objetivo seguidamente será exposto pelo senhor Coronel Taborda. A Liga dos Combatentes, no respeito estrito dos seus estatutos que lhe determinam a promoção dos valores históricos nacionais e a criação de estabelecimentos ou departamentos de ensino e cultura ao serviço do país em geral e dos seus membros em particular, decidiu participar nesta iniciativa, por ela se integrar perfeitamente nos objetivos estatutários que vimos prosseguindo. Criámos já algum tempo um órgão que designámos por Centro de Estudos e Aconselhamento de Cultura Cidadania e Defesa que vem desenvolvendo ações diversas nestes âmbitos e é dirigido pelo Professor Dr. Belém Ribeiro. À sua equipa coadjuvada pelo senhor Cor Hilário e Tenente-coronel Borges e aos funcionários da Liga empenhados, agradeço o trabalho voluntário desenvolvido.

Um dos pontos de aplicação da ação daquele Centro de Estudos é aqui neste Forte do Bom Sucesso, que queremos seja, em ligação com o Monumento aos Combatentes, um lugar de cultura, um lugar de conservação de memórias, enfim o ex-líbris da Liga dos Combatentes, ao dispor de todos os combatentes e perfeitamente integrado na zona nobre que o envolve. Por isso e intencionalmente aqui estamos hoje. Culminamos com esta conferência, mais um Dia Aberto do Forte do Bom Sucesso, onde desde manhã se desenvolveram atividades de carácter histórico e

cultural, com a juventude. Mas iniciamos também, com ela, as Comemorações do 83º Aniversário da Liga dos Combatentes que terão a sua cerimónia mais significativa no próximo dia 14 de outubro, neste Forte e junto ao Monumento. Dia em que para além de outros momentos importantes, destacamos a atualização das placas com a inscrição de 83 nomes de militares portugueses mortos na Índia após 1954. Convidamos V. Ex.ªs a estarem presentes. É mais um momento significativo na luta constante pela conservação da memória coletiva. Igualmente convidamos para continuarem a participar nestas conferências nos próximos dias 18 e 25 de outubro neste local e no Seminário que decorrerá no Instituto de Estudos Superiores Militares, a 15 de novembro.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Muito obrigado por terem vindo. Estão em vossa casa. A casa dos Combatentes por Portugal do passado do presente e do futuro. Permitam-me que termine esta minha intervenção de boas vindas, servindo-me de uma citação de M.K. Ghandi no seu Livro *An Autobiography*, para evidenciar o grande objetivo que pretendemos atingir com estas conferências. Escrevia Ghandi “I have nothing new to teach the world. Truth and non-violence are as old as hills”.

Nós também não temos nada que ensinar ao mundo. Mas estamos muito aquém de Ghandi. Ainda procuramos a verdade por essas montanhas e apelamos diariamente à não-violência. Gostaríamos de obter com estas conferências um conjunto de dados inéditos que uma vez cientificamente trabalhados contribuíssem para a verdade histórica sobre Goa Damão e Diu no terceiro quartel do séc. XX.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

83.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES

14 de outubro de 2006

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar, Dr. João Mira Gomes em representação de Sua Ex.ª o Ministro da Defesa Nacional, Excelência. Dá-nos V. Ex.ª a honra de presidir à cerimónia comemorativa de mais um aniversário da Liga dos Combatentes. O 83.º aniversário. Regozijamo-nos com a presença de V. Ex.ª, primeiro responsável político pelo tratamento dos assuntos relativos aos antigos combatentes e formulamos votos dos maiores sucessos no desempenho de tão importantes funções.

Caros Combatentes

Um profundo muito obrigado por se dignarem associar-se a nós neste dia de aniversário e de festa nacional para a Liga dos Combatentes. Permitam-me que proceda a um agradecimento muito especial a sua Ex.ª Reverendíssima Senhor Bispo das Forças Armadas e de Segurança D. Januário Torgal Ferreira por se digna estar presente e se disponibilizar para proceder a uma intervenção de carácter religioso que muito nos toca. Permitam-me ainda que agradeça ao senhor Major-General Vaz Antunes a sua imediata disponibilidade para aceitar o convite que lhe enderecei para que aqui proferisse uma intervenção subordinada ao tema O Combatente e a União Europeia. E agora agradecer a sua importante e atual comunicação.

Gostaria ainda de salientar no quadro do esforço de abertura ao relacionamento com todas as associações congéneres, europeias, asiáticas e africanas temos hoje o prazer de ter connosco o Tenente-general Cristóvão Quina chefiando uma delegação da Liga dos Combatentes Angolanos LIVEGA com quem partilhamos hoje um futuro comum. Agradeço igualmente a presença do Sr. Comandante Goddard Presidente da *Royal British Legion*. Um ano mais decorreu. Se fosse necessário sintetizar mais este ano de vida da nossa Instituição eu diria:

- A Liga dos Combatentes viu-se apoiada no desenvolvimento dos seus projetos pelo Governo, pelas Forças Armadas e pelos seus Membros. Mas desejamos sempre mais;
- A Liga dos Combatentes viu aumentado o seu número de sócios e número de Núcleos. Mas desejamos sempre mais.

Enfim, a Liga dos Combatentes está mais forte para enfrentar o futuro e continuar a lutar pelos direitos e deveres dos seus membros e dos combatentes em geral e suas famílias, mas continua a necessitar de mais apoio e compreensão externa pública e privada e ainda mais trabalho e entusiasmo voluntários no âmbito interno para prosseguirmos os nossos objetivos estatutários.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Aqui, neste lugar, onde o Tejo os viu partir desde o século XV, sem nunca lhes dar a garantia de os ver chegar, se entrelaçam memórias coletivas de um povo: Ali, no “Castelo de S. Vicente a par de Belém”, (hoje Torre de Belém), aqui na Fortaleza do Bom Sucesso, ou no Monumento aos

Combatentes do Ultramar, mais além no monumento em memória do “Almirante que um dia se fez ao céu” se respira a projeção de forças nacionais além-fronteiras.

Tempos diversos. Diversas vivências. Uma só História. Segundo Zurara, é alguém que em 1413 se dirige à Sicília e aporta a Ceuta, que informa o rei de Portugal que a conquista daquela praça era viável. Seriam essas informações que desencadeariam em 1414 o parecer favorável do Conselho de Estado para a sua tomada e em 21 de agosto de 1415, a sua efetiva conquista por uma armada real.

Era o primeiro passo do que viria a ser a expansão portuguesa além-mar. Era o primeiro passo no Ultramar da ainda hoje continuada projeção do poder político militar português, além-fronteiras. Arriscámos tudo. Rei e Príncipes, mas escrevíamos a primeira página de uma história feita fora das fronteiras terrestres e que ainda hoje prolongamos, na Bósnia, no Kosovo, no Afeganistão, no Congo, em Timor e agora no Líbano. Nas linguagens de outrora, na expansão da fé e do império, posteriormente na defesa da Pátria. Em linguagem pós-moderna, na defesa dos interesses nacionais. Sempre, na projeção e defesa de Portugal, no mundo.

Cem anos depois da conquista de Ceuta, em 1515, os feitos dessa expansão além-mar tinha tal expressão, para os países, que se justificavam medidas defensivas, nomeadamente a defesa do Tejo com a construção da Fortaleza de Belém, a qual posteriormente e segundo alguns, serviria apenas para “guardar artilharia”, não tendo capacidade para “resistir a um exército”. Justificava-se assim, com o evoluir dos tempos, a fortificação que viria a fazer-se da barra do Tejo. Nasceu entre outros o Forte do Bom Sucesso no século XVIII. Quis o destino que neste espaço se levantasse um monumento aos Combatentes do Ultramar caídos na recente guerra colonial.

O conceito global de além-fronteiras que descrevemos no tempo e no espaço, fosse em Ceuta, na Flandres ou em Angola e hoje se continua com outros contornos, vai para além do conceito restritivo de um ultramar colonial e é o verdadeiro e profundo sentimento abrangente que este espaço nos dá a felicidade de respirar. Esse sentimento abrangente enriquecido pela presença do nosso Monumento aos Combatentes do Ultramar permite ações prospetivas que nos garantam identidade histórica, perenidade do lugar, libertação de preconceitos e uma ainda mais profunda leitura histórica de Portugal presente e futuro.

Por isso mantendo ao nosso Monumento o seu traço original que lhe permite continuar a ser lido em sentido restrito, o lugar pode continuar a ser vivido em sentido amplo verdadeiramente nacional e sempre atual, garantindo transmitir aos combatentes de hoje que os combatentes de ontem respeitam profundamente os que continuam a cair na defesa dos superiores interesses de Portugal.

Quando falamos em Ultramar é momento de sermos também abrangentes e de nos lembrarmos de todos os marinheiros, soldados e aviadores que do século XV ao século XXI defenderam e continuam a defender os interesses de Portugal por esse Mundo. O Monumento aos Combatentes do Ultramar sendo o que é, não queremos que venha a ser um Monumento a que o tempo retire oportunidade e memória. Não queremos que seja após as nossas mortes, mais um monumento que passa apenas a enfeitar um espaço, à medida que passa o tempo e passou o homem que lhe deu origem. Devemos garantir hoje, que amanhã, o nosso Monumento e o lugar continuem a ser Monumento e lugar vivos no espaço e perenes no tempo.

Assim hoje, porque este monumento é uma homenagem aos combatentes vivos e mortos atualizámos as lápides com mais um combatente morto em Angola e mais oitenta nomes dos que caíram em Goa Damão, Diu e Nagar Aveli, de 1954 a 1961, que ali não constavam na totalidade, continuando nós, em permanência, a pesquisa e análise relativamente a militares mortos no ultramar que porventura ainda faltarão. No respeito do conceito atrás descrito, serão igualmente colocados em lugar próprio, os nomes dos que caíram em Missões de Operações de Paz e que são 13 militares do Exército. Estão ali, no virar daquela esquina do Forte do Bom Sucesso. Como se estivessem no virar de mais uma página que se abre e continua a História de Portugal. E assim é. Garante-se ao Monumento a par da dimensão do passado recente uma dimensão de presente e de futuro.

O Forte do Bom Sucesso e o Monumento aos Combatentes do Ultramar formarão um todo único que os combatentes de hoje e de amanhã jamais deixarão que não seja um verdadeiro símbolo do seu esforço por defender Portugal além-fronteiras. Assim como no ano transato se desenvolveram aqui 19 cerimónias de homenagem, entre elas algumas levadas a efeito pelos senhores Ministros da Defesa Nacional e Secretários de Estado da Defesa, aquando da visita de congéneres seus, temos esperança que este Monumento, um verdadeiro Monumento de dimensão Nacional, este Monumento aos Soldados Conhecidos, possa ver o senhor Presidente da Republica escolhê-lo um dia também, para honras protocolares. Gostaríamos de dar maior visibilidade às cerimónias que aqui se processam todos os dias, desde o hastear e arrear da Bandeira Nacional ao Render da Guarda. Com imaginação e sem grandes recursos é possível. Contamos com o apoio do Governo, das Forças Armadas e das Forças de Segurança. Em época de crise, insegurança e incertezas, os símbolos são intocáveis e, pelo contrário, devem ser acarinhados, ser reforçados. Não o fazer significaria perder o Norte, abandonar a nossa própria História e martirizar a alma do povo português. Se este andar distraído ou o distraírem que os combatentes se não distraíam.

Meus Senhores e minhas senhoras

Hoje, dia do nosso 83º Aniversário somos premiados com o prazer de poder apreciar o conjunto de trabalhos artísticos que ilustram a obra Guerra e Paz de Tolstoi da autoria do mestre Júlio Pomar. Quero publicamente agradecer esta oportunidade única. Teremos igualmente a abertura de mais uma área recuperada do Forte do Bom Sucesso. Será possível apreciar trabalhos de pintores contemporâneos de relevo graças ao empenho do Sr. Arquiteto Velhó e amigos da Liga e de Pintores militares, que ofereceram as suas obras.

Gostaríamos de referir que começamos hoje também uma homenagem aos Senhores Marechais nomeadamente os que se encontram por vontade própria em campa rasa no talhão da Liga dos Combatentes do Alto do S. João, expondo peças do seu espólio no nosso Museu do Forte. Integrado no nosso aniversário publicamos mais uma Revista Combatente e neste Forte nos dias 18 e 25 de outubro decorrerão as conferências Reviver Goa Damão e Diu. É no cumprimento dos nossos estatutos, o nosso contributo para o desenvolvimento de cultura cidadania e defesa junto da juventude, do cidadão e dos combatentes.

Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar

Assumi Vª Exª o cargo há relativamente pouco tempo. Gostaria, porém, de sublinhar publicamente que os Combatentes, para além da resolução de outros assuntos importantes,

esperam que o Governo cumpra o que enuncia nas Grandes Opções do Plano relativamente à Lei 9/2002 e ao aperfeiçoamento da Rede Nacional de Apoio.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Caros Combatentes Membros da Liga dos Combatentes, ilustres Convidados

Termino desejando que passem um bom momento entre nós neste dia do nosso 83º aniversário e que sejam sensíveis ao apelo que lhes é sugerido no interior do Forte no âmbito da Liga Solidária.

Contribuam.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

EXUMAÇÃO DO MARECHAL SPÍNOLA E SUA COLOCAÇÃO NO TÚMULO DA CRIPTA DE MARECHAIS NO ALTO DE S. JOÃO

11 de novembro de 2006

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Excelências, Senhores e Senhoras

Estão perante nós os restos mortais de um Menino da Luz!
De um Menino da Luz que foi depois Soldado!
De um Soldado que foi Combatente!
De um Combatente que foi Marechal!
De um Marechal que foi Presidente da Republica!
De um Presidente da Republica que foi Torre Espada Valor, Lealdade e Mérito

De um Cidadão do seu tempo que marcou um período da nossa História recente.

Não, não estão perante nós, só e apenas os seus restos mortais!
Está perante nós a sua imagem! O seu carisma! O seu espírito. A sua coragem de combatente. A sua figura de Comandante de Batalhão e de Comandante-Chefe.

Está perante nós o Membro da Liga dos Combatentes Número 33725 que decidiu por vontade própria ser sepultado em campa rasa no talhão da Liga dos Combatentes no Alto do S. João, tal como muitos dos seus soldados. Ele sabia que a Liga dos Combatentes nunca esquece os combatentes por Portugal, vivos ou mortos, soldados conhecidos ou desconhecidos. Seja em que momento for.

Este momento, sendo para a Liga dos Combatente um momento comum, é um momento especial. É uma homenagem a um Marechal Combatente. E na sua pessoa e nos seus restos mortais, mais uma homenagem ao soldado português. Por isso aqui estamos, garantindo dentro da nossa simplicidade e com a vossa presença, o máximo de dignidade a este ato.

Dando-lhe o relevo que merece e em lugar próprio, na cripta de Marechais, não deixará o Marechal António Spínola de continuar junto dos seus camaradas de armas, dos seus soldados e dos outros membros da Liga dos Combatentes que tal como ele se bateram por Portugal e encontraram na nossa instituição a continuação da defesa dos valores vitais de Portugal.

À sua família, aos seus amigos, aos seus camaradas, aos portugueses, a Liga dos Combatentes garante que os restos mortais do Marechal Spínola continuarão vivos na Cripta de Marechais do Talhão da Liga dos Combatentes do Cemitério do Alto de S. João.

Muito obrigado por se terem junto a nós nesta significativa homenagem.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

ENCERRAMENTO DO SEMINÁRIO «REVISITAR GOA DAMÃO E DIU», IESM

15 de novembro de 2006

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores

Acabamos de ouvir as conclusões dos nossos trabalhos durante as três conferências de fim de tarde e o seminário de hoje. Terminamos assim com sucesso as tarefas a que nos propusemos: Revisitar Goa, Damão e Diu.

O tema e o seu enquadramento no tempo e no espaço cultural, diplomático, político e militar com base na história viva, traziam algo de delicadeza no seu tratamento que imediatamente foi contrabalançado com a determinação na procura da Verdade histórica e do acolhimento de todas as comunicações que surgissem, por mais controversas que fossem.

Privilegiando o facto histórico e menos a ficção.

A aliança entre o facto histórico e a ficção que ontologicamente aproxima a história da literatura e é bem expressa no poema de Coron Doy (1912):

*I have wrought my simple plan
If I give an hour of joy
To the boy who's half a man
Or the man who's half a boy.*

Essa aliança entre facto e ficção, aponta para uma espécie de mitologia heroica de que os portugueses são exemplo ao gerarem-na com os relatos dos seus feitos, na Índia portuguesa,

A nossa imagem de Goa Damão e Diu, desde Vasco da Gama aos nossos dias é uma verdadeira aliança dessa ficção e desses factos que alimentam a vida dos nossos heróis e da nossa memória coletiva. Não nos chega, porém, nos dias de hoje o culto de Vasco da Gama, dos Vice-Reis da Índia, de um Afonso de Albuquerque ou um S. Francisco Xavier.

No nosso seminário procurámos não a ficção e o mito que nos aproximam da literatura. Privilegiámos os factos históricos recentes e a história viva, sem esquecer o enquadramento do passado. Não procurámos descortinar mais um momento de heroísmo português, mas identificar as linhas base que sustentam a história contemporânea e justificam a investigação mais aprofundada dos factos. É de assumir que Goa, Damão e Diu constituem um *case study*. E neste *case study* durante este seminário duas questões se nos puseram e que julgo merecerem aprofundamento.

Em primeiro lugar:

- Será que o caso Goa, Damão e Diu rompe com o herói imperial, o herói militar cristão, capaz de combinar a aventura militar com uma retidão de comportamento e isenção de espírito?

O culto do herói e do mito é uma força atuante e inevitável das sociedades que evolui com os tempos e com as condições socioeconómicas. Mas sabemos também o que significa para nós a

história mítica dos portugueses na Índia. Será que a queda de Goa, Damão e Diu rompeu esse culto heroico? Se rompeu quem o originou?

Se tal se verificou qual a influência dessa rotura na análise da ação das Forças Armadas na Ásia e em Africa no terceiro quartel do século XX? Eis mais uma linha de pensamento a aprofundar. Um outro ângulo de análise que se abre na abordagem de temas como o que aqui tratámos é aquilo que chamamos de Memória Partilhada.

Tudo fizemos para que aqui tivéssemos intervenções daqueles que na altura estiveram face a face e hoje se encontram lado a lado na defesa da democracia. Recebemos apoio da Embaixada da Índia e a senhora embaixadora esteve presente na abertura das conferências. Não foi, porém, possível desta vez ouvir diretamente as razões da parte oponente de então.

Pela nossa parte, vimos desenvolvendo projetos que levam à prática a Transmissão da Memória às gerações ativas de cidadãos portugueses, bem como às gerações jovens do nosso país. Nestas conferências e seminário foi também evidente:

- A análise permanente do percurso que vai da necessidade de reconhecimento à reparação;
- O fazer viver as marcas do passado;
- O testemunhar para o futuro.

O problema da partilha das memórias, como afirmámos não se põe apenas perante os componentes de um povo, mas entre povos. A sua prática constituirá um reforço das ligações entre povos e estados no domínio da memória combatente, contribuindo para aprofundar as condições para uma paz internacional cada vez mais duradoura.

Entre nós a Liga dos Combatentes orgulha-se de vir defendendo orientação inovadora da não distinção entre antigos combatentes e novos combatentes e entre conflitos internacionais, coloniais ou operações de paz. Será esse conceito um verdadeiro vaso comunicante que facilitará em permanência a transmissão das memórias, produtora de paz de espírito e paz entre as gentes. Entendemos assim que a conservação partilha e a transmissão das memórias é um processo contínuo que nos garante perenidade, idoneidade e utilidade nacional. Temos também para nós que dos instrumentos mais poderosos para a sustentação desse processo contínuo de memórias partilhadas são de salientar:

- O **DISCURSO**, do qual este seminário e outras ações como esta são exemplo;
- Os **RITUAIS COMEMORATIVOS** de que o 9 de abril, o 10 de junho ou o 11 de novembro são testemunho;
- O **TRAÇO HISTÓRICO** de que os monumentos e os talhões são, para nós, os traços mais evidentes e afetivos.

Acentuamos estes factos porque o diagnóstico atual nos sistemas de transmissão de memória ou de memória partilhada são de extrema fragilidade entre nós e muitas vezes deturpados relativamente à verdade histórica. É que o Estado tem vindo progressivamente a desinvestir na dignificação dos símbolos e nos rituais da Republica que sustentam a identidade e a coesão nacionais. A Escola parece ter abdicado. Ainda que os jovens precisem desesperadamente nos

nossos dias, de modelos de referência para virem a construir os seus valores de vida e precisam de apreender a cumprir regras para se inserirem na ordem democrática do seu país e do mundo civilizado. Embora tudo tentássemos para que a juventude civil e militar estivesse com mais presenças no nosso seminário, temos que afirmar que nesse aspeto o nosso objetivo ficou aquém do que desejaríamos. Não porque não tivéssemos difundido o nosso evento junto de universidades e academias e órgãos de comunicação social.

Quanto a estes é também importante que se diga que hoje em dia, para que se consiga que algo seja levado à luz do dia junto da população, importa investir elevadas verbas e então sim a publicação e divulgação surgem. Não queremos deixar de assinalar que fizemos um autêntico desafio a todos os que passaram por Goa, Damão e Diu. Endereçámos pessoalmente mais de mil cartas. Tivemos as respostas necessárias e suficientes para fazer o nosso seminário com riqueza de posições e opiniões, mas temos também, que afirmar pelo respeito pela verdade, que esperávamos, face às solicitações pessoais que fizemos, obter resposta bastante melhor.

É sem dúvida um sinal preocupante o desinteresse verificado da parte de alguns que se arriscam com a sua comodidade a não contribuir para a memória partilhada da sua participação numa fase da história de Portugal. Se não formos nós e se não forem eles a escrevê-la com o nosso e seu testemunho outros o continuarão a fazer à sua maneira. Agradeço mais uma vez a todos os conferencistas, ao Instituto, ao Coronel Taborda e Silva, ao comandante Belém Ribeiro e Coronel Hilário e a todos os que contribuíram para o êxito destas conferências.

Termino informando que a Liga dos Combatentes estuda a hipótese de criar uma bolsa de estudo de pequena duração tendo em vista a aprofundar as linhas de acção aqui definidas, nomeadamente aquelas que enunciei:

- Eventual rotura da cultura mítica e heroica pós Goa, Damão e Diu;
- A Importância da memória partilhada na vida dos povos.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

MENSAGEM DE NATAL

15 de dezembro de 2006

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Excelências

Dr. Miranda Calha Presidente da Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República
General Brochado Miranda, Presidente da Assembleia Geral da Liga dos Combatentes
General Altino de Magalhães, Presidente do Conselho Supremo e Ilustres Membros do Conselho Supremo
General Rocha Vieira, Ilustre Membro Honorário da Liga dos Combatentes
Coronel Raposo, Presidente do Conselho Fiscal e Ilustres Membros do Conselho Fiscal
Caros Membros da Direção Central

Ilustres Convidados

Meus senhores e minhas senhoras

Natal é Nascimento. É Esperança. É Alegria. É Vida.

Connosco estão por isso, em espírito, todos os membros vivos da Liga dos Combatentes e suas famílias, bem como todos os combatentes vivos que alguma vez se bateram ou juraram bater-se por Portugal e todos aqueles que nos apoiam. É essa a nossa grande família. Mas o Natal comporta também momentos de agradecimento, de reflexão e de reconhecimento. Cumpre-me agradecer a todos. Por se terem dignado estarem presentes nesta reunião de família, em invocação do Natal.

Permitam-me um agradecimento muito especial ao Dr. Miranda Calha, ilustre Presidente da Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da Republica que nos tem distinguido, com a sua presença, em todos os momentos significativos da nossa vida coletiva. É prova insofismável de que para além do dever institucional está a amizade, compreensão e estima pela nossa instituição.

Temos hoje igualmente o prazer de ter connosco o mestre Júlio Pomar. Há cerca de dois meses que nos brinda com trabalhos seus em exposição no Forte do Bom Sucesso. Agradecemos a amabilidade que teve em oferecer à Liga um dos seus trabalhos autografados.

Ao Arquitecto Velhô e a D. Maria de Lourdes Ferreira responsável pela galeria Arte Viva, agradecemos igualmente o apoio dado para a realização das exposições no Forte do Bom Sucesso e as obras oferecidas.

O momento de reflexão passa pelo facto de nos aproximarmos do final de mais um ano civil e nos interrogarmos, mais uma vez, sobre o que nos propusemos fazer e o que nos foi possível realizar e sobre aquilo que outros poderiam ajudar-nos a fazer e o que ajudaram

Julgo que, com os meios disponíveis, fizemos bastante. Considero também que nos ajudaram bastante.

Acreditamos, porém, que pode ser feito bastante mais e que poderemos ser mais ajudados. Os nossos objetivos estatutários são de tal dignidade que merecem mais esforço voluntário da nossa parte e mais ajuda voluntária pública e privada.

Somos uma Instituição que se reconhece como uma instituição transversal da sociedade portuguesa, do passado, do presente e do futuro.

Conhecemos em qualquer dessas circunstâncias temporais, os problemas que se colocam aos portugueses, em especial em momentos de crise.

Não podemos, por isso, rever-nos em conceitos que por vezes surgem, afirmando que a resolução das crises deve ser conseguida por opção, decidindo resolver os problemas do futuro do país, sacrificando ou mesmo esquecendo os problemas do passado.

Não tem sido felizmente essa a nossa prática, nem nos parece que venha sendo a prática política. Esperamos que assim continue, ou seja, que a solução dos problemas tenha sempre como objetivo as pessoas.

Aqueles que são hoje a juventude do futuro de Portugal não perdoariam àqueles que, justificando ter que resolver os seus problemas, esquecessem os dos seus avós, nomeadamente o que estes fizeram e sabem fazer para ajudar Portugal.

Teremos seguidamente um momento de reconhecimento pelos serviços prestados à Liga dos Combatentes e ao país, por elementos seus dirigentes e que durante anos deram voluntariamente o seu tempo e saber ao serviço de valores patrióticos e humanitários.

E por ser Natal, permitam-me que volte novamente á reflexão e termine com um poema dedicado a esse fenómeno espiritual, ao mesmo tempo tão forte, capaz de parar as guerras, e ao mesmo tempo tão fraco que, festejando-se hoje, se vê esquecido amanhã.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general